

## A gramaticalização do 'le' mexicano: de pronome a afixo intersubjetivo

Viviane Conceição Antunes Lima (UFRRJ)

### Introdução

No âmbito da cliticização, encontramos um dos grandes espaços de diversidade da língua espanhola, uma vez que a referida distribuição, restrita ao cunho unificador da língua escrita, apresenta ajustes diversos dependendo da área na qual se fala o espanhol. Em zonas como a mexicana, a centro-americana, a andina, a castelhana, a andaluza e a canária, o clítico 'le (-s)' se estende expressivamente ao acusativo<sup>1</sup>, atendendo a condicionamentos semântico-pragmáticos específicos.

Podemos verificar, no espanhol falado na área mexicana, realizações que não são comuns às ocorrências registradas em outras áreas geoletais<sup>2</sup>. Com base no corpus "*El habla de Monterrey*" (RODRÍGUEZ ALFANO, 2000), observamos 225 dados nos quais o clítico 'le' funciona como um sufixo acoplado a uma base verbal ou nominal, de caráter intersubjetivo e, em alguns casos, isento de quaisquer propriedades referenciais. Vejamos:

- (a) "E: *Porque muchas veces las amistades influyen mucho /!: ¡Ándale!*<sup>3</sup> / *con quen se junta*";
- (b) "I: *Pues sí / porque pu's / pongale*<sup>4</sup> *que / comoquiera .veda? / pues / los muchachos orita*";
- (c) "I: *tengo dos / trabajando; al cabo / ya'stabamos acabando / pasele / pasele*<sup>5</sup> *par'aca pa dentro*";
- (d) "I: *taba yo cantandole una cancion a Chuy / el cobrador / y tenia una grabadora / ¡hijole!*<sup>6</sup> */ y que lueo que / que apaga la grabadora / y que pone la... / la canción*";
- (e) "I: *y hasta yo tamien / cuando vengán / hasta les doy una soda / ¡órale!*<sup>7</sup> *echense / dos tres cuatro sodas...*"

<sup>1</sup> Distancia-se um pouco de sua função prototípica de retomada de dativos (objetos indiretos, na maioria dos casos). Há dados que comprovam que desde o século XII, "le" sublinha uma tendência a recuperar sintagmas acusativos (i.e., em função de objeto direto).

<sup>2</sup> As áreas geoletais, segundo MORENO FERNÁNDEZ (2000,p.38), conformam os usos linguísticos das cidades e territórios mais influentes da América e da Espanha. São oito: área caribenha, mexicana e centro-americana, andina, rioplatense e do Chaco, chilena, castelhana, andaluza e canária.

<sup>3</sup> Expressão de acordo.

<sup>4</sup> Ato de supor, imaginar.

<sup>5</sup> Ato de passar.

<sup>6</sup> Expressão que assinala alarde, surpresa.

Sublinhamos que tanto significados pragmático-subjetivos, ancorados no ponto de vista do falante, quanto pragmático-intersubjetivos, baseados na interação entre interlocutores, podem encontrar codificação explícita na língua. Acreditamos que o uso de 'le', nos contextos apresentados anteriormente, nos ajuda a sustentar que marcas formais e ajustes sintáticos são, em sua maioria, pistas subjetivas deixadas pelos usuários de uma língua na práxis discursiva.

Em **(a)**, **(b)** e **(c)**, a forma 'le' assinala a força coercitiva do enunciador com relação ao coenunciador, motivado a realizar uma ação. Em **(d)** e **(e)**, não se nota a referida força, mas um índice de abstratização da base nominal, que perde seu sentido original e passa a funcionar como um vocábulo-frase, uma interjeição, de assombro, no caso de **(d)**, e de reformulação, no caso de **(e)**. Nos cinco exemplos, "le" não recupera nenhum item já apresentado no discurso, perde sua função endofórica prototípica.

Sob a luz do funcionalismo norte-americano, pretendemos mostrar que 'le' passou por um processo de gramaticalização e que o conceito de (inter)subjetividade são relevantes no entendimento deste processo. Neste breve artigo, faremos uma breve menção à diretriz funcionalista; ao conceito de gramaticalização; ao valor da (inter)subjetividade na interação; e, por fim, nos referiremos ao uso de "le" como afixo intersubjetivo na variante mexicana do espanhol.

## 1. A diretriz funcionalista norte-americana

O que conforma o eixo dos estudos baseados na diretriz funcional é a maneira de compreender e analisar a linguagem. O objeto de estudo dos funcionalistas é o uso linguístico, por isso observam ocorrências reais dos fatos da língua para dar fundamento a suas investigações. É na relação entre linguagem e uso que buscam subsídios para entender os mencionados fenômenos linguísticos. Os funcionalistas vêem a linguagem como um instrumento de interação social, no qual entram em jogo as relações entre os interlocutores, suas intenções e o contexto discursivo. Neste

---

<sup>7</sup> Expressão que reformula ou rechaça uma idéia.

modo de pensar, uma língua existe porque seus usuários se valem dela para interagir

Por esse caminho, chega-se a um dos princípios que norteia o enfoque funcionalista: o **postulado da não-autonomia da sintaxe**. Se por um lado, através da análise do plano semântico é possível elucidar questões tangentes à mutabilidade sintática, por outro, com o olhar voltado para as nuances pragmáticas, se podem tecer considerações relevantes no que diz respeito a fenômenos concernentes à semântica. Portanto, na vertente funcionalista, a sintaxe não é concebida como um construto autônomo.

Aliás, cabe salientar que o funcionalismo norte-americano conferiu ao conceito de sistema um caráter muito mais dinâmico. COMPANY (2002, p.42) defende que o sistema linguístico se comporta como um organismo estável, que permite sistematizações constantes, e que, além disso, assume ambiguidades, redundâncias, instabilidades e inconsistências próprias das línguas. Os reajustes que são promovidos, alguns até imperceptíveis, acabam por incidir na estabilidade do sistema. Esta maneira de concebê-lo nos possibilita analisar a variação como processo, não como uma mudança cumprida, acabada.

Claro está que, de acordo com essa abordagem, o estudo do sistema linguístico está subordinado ao uso, porque a descrição e a compreensão dos fenômenos linguísticos devem apoiar-se em seu funcionamento dentro de um dado contexto de utilização da língua. MARTELOTTA e AREAS (2003, p.23) destacam que, para o funcionalismo, a compreensão do fenômeno sintático depende da análise da língua em uso, tendo em vista que a gramática é constituída em contextos discursivos específicos. Por isso, procuramos analisar as entrevistas do corpus “El habla de Monterrey”. Os dados de despronominalização de ‘le’ coletados provém destas entrevistas (vide exemplos de **(a)** a **(e)**, p.1).

A proposta estruturalista de opor os estudos sincrônicos de diacrônicos, ou seja, de vê-los como perspectivas de análise dicotômicas é um princípio saussureano rejeitado pela corrente funcionalista. Tal incompatibilidade é reducionista, já que, no âmbito dos processos de variação e mudança linguísticas, há especificidades que permanecem na história das línguas e merecem a atenção

dos pesquisadores. A quebra deste dogma ou **a visão pancrônica** dos estudos linguísticos abre espaço para os estudos de **gramaticalização** no funcionalismo norte-americano.

## 2. O conceito de Gramaticalização: algumas peculiaridades

A motivação principal do fenômeno de gramaticalização é a comunicação, responsável por consolidar novas maneiras de codificar a realidade. Para MARTELOTTA (1996, p.51), consiste em um processo de mudança, a partir do qual elementos lexicais e construções sintáticas começam a desempenhar funções gramaticais e, com o desenvolvimento do processo, tendem a assumir novas atribuições na língua. Considerando que as modificações sofridas pela língua são paulatinas e graduais, propor um estudo sincrônico, completamente desprovido de referências diacrônicas, pode limitar, e muito, a análise dos fenômenos lingüísticos.

Muito do que se refere ao saber gramatical dos falantes se fundamenta no reajuste, na adaptação de recursos já expostos nas interações verbais, devido às constantes reutilizações e rotinizações das expressões linguísticas nos diversos contextos nos quais se inserem os interlocutores (VÁZQUEZ ROZAS e GARCÍA-MIGUEL, 2006, p.2). Com efeito, o conteúdo do que é repetido e o modo como os indivíduos selecionam os contituíntes para produzir enunciados são imprescindíveis à representação cognitiva e ao processo de gramaticalização.

É coerente dizer que os falantes se valem de regras (gramaticais, fonológicas e de formação de palavras) e rotinizam expressões, vinculando formas a novos sentidos e possibilitam a geração de novas unidades no inventário da língua. Desta maneira, podem mudar o *status* de um item lexical ou gramatical em direção ao polo lexical / contedístico / não-produtivo (lexicalização<sup>8</sup>) ou ao polo gramatical / funcional / produtivo (gramaticalização).

SILVA-CORVALÁN (2001, p.216) vê muita propriedade na convergência teórica entre funcionalismo e gramaticalização, característica das investigações

---

<sup>8</sup> Subtipo de mudança linguística sujeito a restrições do uso e da aquisição da linguagem que combina ou modifica formas já existentes para que sirvam como membros de uma classe maior. Definição baseada em BRINTON E TRAUGOTT (2005, p.96).

norte-americanas. Se um dos princípios centrais da corrente funcionalista é mostrar que para se compreendam as línguas é preciso dar atenção aos seus mecanismos de mudança, é plenamente justificável e plausível que esta vertente teórica acolha os estudos referentes à gramaticalização. O processo de gramaticalização está alicerçado em um conceito de língua cujo sistema é entendido como dinâmico e propenso a mudanças, tal como focaliza a diretriz funcionalista. Conforme se nota, é no mínimo incoerente intitular-se funcionalista e/ou explicar os processos de gramaticalização sem valer-se do uso lingüístico como fonte de análise.

As investigações norteadas pelas vicissitudes do processo de gramaticalização são de grande pertinência pelo fato de apontar regularidades no que diz respeito à natureza da conduta lingüística e da linguagem humana. Ao definir o termo “gramaticalização”, convém frisar que se trata de um processo gradual no tocante ao tempo, à sociedade e, principalmente, ao indivíduo, pois a subjetividade é um elemento indispensável ao seu desencadeamento.

### 3. Subjetividade, intersubjetividade e a construção dos sentidos

Para TRAUGOTT e DASHER (2003, p.17), os falantes internalizam um sistema, valendo-se de diversas estratégias de produção e de percepção, usam a língua e realizam várias atividades por meio dela. Com efeito, o falante/escritor e o destinatário/leitor são peças centrais nas atividades de uso da língua, uma vez que a interação só se dá efetivamente se estas peças estiverem engajadas no processo de produção e interpretação discursiva.

Os locutores se propõem como sujeitos, são capazes de fazê-lo. A **subjetividade** consiste em uma unidade psíquica que supera o conjunto de experiências vividas e que dá base à permanência da consciência. Trata-se, portanto, de uma propriedade essencial da linguagem e que pode ser experimentada quando um ‘eu’ se dirige ao outro, a um ‘tu’. A dualidade eu ↔ tu move as atividades de uso da língua, conforme sinalizou BENVENISTE (1995, p.286).

A relação entre eu ↔ tu influencia a construção da comunicação lingüística, já que, ao produzir seu discurso, o falante/escritor assume as expectativas do

destinatário/leitor para lograr seus objetivos comunicativos. Tem em conta, portanto, noções a respeito do conhecimento e da competência linguística do destinatário/leitor e de algumas convenções necessárias à práxis interacional. Tais noções direcionam a escolha de expressões e de formas da língua.

De um ângulo mais amplo, VÁZQUEZ ROZAS e GARCÍA-MIGUEL (2006, p.11) explicam que as manifestações da subjetividade não se limitam a marcas gramaticais. A seleção dos parâmetros de pessoa, do tipo e tempo verbais, dos itens e de sua ordem nos enunciados também marcam a presença da subjetividade na produção discursiva. Reconhecer a relação entre falante/escritor e destinatário/leitor como condição ou fundamento para que a comunicação linguística se estabeleça significa examinar a linguagem a partir de seu caráter interacional de forma mais efetiva, sob a luz da **intersubjetividade**.

Implica sublinhar também que cada partícipe registra dados de seus propósitos nos momentos de interação, ou seja, dá pistas de maneira de ver o mundo, das impressões que tem de si mesmo e do que sabe ou consegue inferir do olhar do outro. A interação é, por essência, o campo da **intersubjetividade**, porque se constitui, na maioria das vezes, como base na atenção ao jogo de sentidos estabelecido pelos partícipes da situação comunicativa. O sufixo “le” assinala nuances desse jogo de sentidos fundamentado na interação.

#### 4. “Le” mexicano: de pronome a afixo intersubjetivo

Sob a ótica de SARMIENTO & SÁNCHEZ PÉREZ (1997, p.103), por uma tendência à supressão das diferenças entre acusativo e dativo a favor da distinção de gênero, o átomo “le” passou a reiterar sintagmas nominais em função acusativa. Em nossa concepção, este fenômeno, intitulado “leísmo”, uma das etapas de gramaticalização do dativo em espanhol.<sup>9</sup>

Devido às pressões do uso linguístico e por encontrar legitimidade nos textos literários, a Real Academia Espanhola (1998, p.425) aceitou parcialmente a referida inovação. Dizemos ‘parcialmente’ porque alguns tipos de *leísmo* não encontraram

---

<sup>9</sup> (12) I: Pos si / si stan buenas //E: .En ingles / d'esas / con letritas? // I:Si stan buenas / si / aunque no **les** entienda / y se rian estos / me 'icen /ama / .y uste que le ve? / l'igo no... / si no entienden uste's / pe'o yo /yo / con que l'entienda / yo / mira / aunque ustedes digan / que no [**películas – leísmo feminino plural**]

espaço na norma culta, tais como o de objeto **(f)** e o oracional **(g)**. Os casos de ‘le’ como afixo intersubjetivo **(h)** ou totalmente abstratizado **(i)**, frequentes no discurso de falantes mexicanos, não são previstos pela norma de prestígio.<sup>10</sup>

Em **(f)** e **(g)**, a forma “le”, embora estendida ao contexto acusativo, mantém sua função prototípica de referir-se a termos do enunciado. Em **(h)** e **(i)**, tal função não se apresenta mais.

(f) “... puro **trabajo** / si no trabaja uno no come así es que / hay que **buscarle**.”<sup>11</sup>

(g) “qu’es más difícil para ellos por ejemplo / comprar una casa / o un terreno / no sé cómo **le** van a hacer”<sup>12</sup>

(h) “...pos **ándale** regálame y / e...m / aprendiste a negociar”.<sup>13</sup>

(i) “ **Híjole** pos en realidad son muy... /distintos”<sup>14</sup>

Advertiu FERNÁNDEZ RAMÍREZ (1987, p.31): “*El dativo es un caso eminentemente personal*”. Cumpre considerar que se deixou de sê-lo e apresenta hoje diferentes funções é sinal de que se gramaticalizou. Em primeira instância, afirmamos que o fato de ‘le’ ser menos marcado em termos de gênero, de oferecer um significativo traço de animacidade e de ser um item bastante recorrente auxiliou seu avanço a outros contextos. Como dissemos, o mencionado item se gramaticalizou, aumentando, assim, suas atribuições. Umas foram endossadas (como o leísmo masculino de pessoa<sup>15</sup>), outras descartadas (como os exemplos **(f)** e **(g)**) e outras não foram previstas (exemplos **(h)** e **(i)**) pela norma culta.

Ao longo da história do espanhol, “le” passou a assumir funções que se distanciam de sua atribuição prototípica - a endofórica. Em um significativo movimento de extensão, perda semântica e categorial, por sua ampla recorrência, a referida forma cuja função era retomar apenas itens em função dativa, passou a dividir com os átonos acusativos (‘lo’ e ‘la’) a referência a entidades humanas, não-humanas e a sintagmas verbais.

<sup>10</sup> Realizações clíticas não-argumentais.

<sup>11</sup> Corpus: *El habla de Monterrey*. Informante analfabeta de 49 anos.

<sup>12</sup> Corpus: *El habla de Monterrey*. Informante pós-graduada de 40 anos.

<sup>13</sup> Corpus: *El habla de Monterrey*. Informante graduada de 37 anos.

<sup>14</sup> Corpus: *El habla de Monterrey*. Informante pós-graduada de 25 anos.

<sup>15</sup> “Al tío ese no le vi ayer.” (Varilex, 2002)

Esta nova orientação sinalizou no México, onde os dados do *leísmo* se ancoram mais nas vicissitudes do discurso que nas especificidades das entidades, uma tendência a codificar nuances da relação intersubjetiva dos interlocutores, isto é, a marcar a necessidade do locutor de influenciar nas atitudes de seu interlocutor (exemplo **(h)**). Neste caso, “*le*” passa por uma nova etapa: a da despronominalização. Desta forma, encontra-se totalmente desprovido das marcas de sua função endofórica.

Nesta perspectiva, estamos considerando que o uso do átono ‘*le*’ no México registra o esgotamento de suas possibilidades de ação como item referencial. Insistimos que, dessa maneira, o item gramatical ‘*le*’ foi reanalisado funcional e semanticamente, estendeu-se a novos contextos de uso e, depois de gramaticalizado vem se despronominalizando. Dados como **(i)**, demonstram o alto nível de abstratização da forma mencionada. Se seguirmos os princípios de COMPANY (2004, p.7), poderemos afirmar que o nível de subjetivização foi tão alto sua rigidez sintática anulou sua função prototípica (endofórica) e deu impulso à pragmática (apoiada nas especificidades da interação).

Partindo do pressuposto de que a mudança linguística é de caráter semântico-pragmático, asseguramos que significados proposicionais podem desenvolver significados textuais e/ou expressivos. Decorre destas considerações que o estudo da gramaticalização não tem o propósito de remontar a história das línguas, mas é uma maneira de compreender o desenvolvimento das formas gramaticais e, por conseguinte, entender melhor a mudança linguística em uma perspectiva panocrônica, já que muitos fenômenos que acontecem com a gramática sincrônica encontram motivações em estágios anteriores.

Em resposta às necessidades dos usuários, itens de diferentes categorias podem mover-se ou rearranjar-se. A mudança lenta e gradual de tais itens permite que a gramática da língua encontre novas maneiras de se acomodar (NEVES, 2002). A validade da gramaticalização para o tratamento funcionalista no estudo das línguas está no fato ressaltar a dinamicidade, a flexibilidade dos sistemas, que equilibram, coerentemente, a força do uso e as possibilidades de sua reestruturação interna. No que concerne à questão unidade/diversidade da língua espanhola, este estudo é de essencial relevância. É imprescindível resaltar que as singularidades



das relações intersubjetivas nas interações conformam um dos principais motores da variação pronominal na mencionada língua.

## REFERÊNCIAS

AOTO, Seiichi (2002): *La aplicación de LMS en la cartografía electrónica de Varilex*. Disponível em: <<http://gamp.c.u-tokyo.ac.jp/~ueda/varilex/art/v12aoto.pdf>>. Acesso: out.2007.

BENVENISTE, Émile (1995): *Problemas de linguística geral I*, p.247 a 315. São Paulo: Pontes.

BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. (2005): *Lexicalization and Language Change*, p.62-99. Cambridge: Cambridge University Press.

COMPANY, Concepción C (2002): Gramaticalización y dialectología comparada. Una isoglosa sintáctico-semántica del español, p.39-71. Em: *DICENDA*, Cuadernos de Filología Hispánica, v.20.

\_\_\_\_\_ (2004): Gramaticalización por subjetivización como prescindibilidad de la sintaxis, p.1-28. Em: *Nueva Revista de Filología Hispánica*. Tomo 52, n.1. México.

FERNÁNDEZ RAMÍREZ, Salvador (1987): *Gramática española. 3.2. El pronombre*, p.15-58. Madrid: Arco/Libros.

MARTELOTTA, Mario E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. (1996): *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ.

\_\_\_\_\_; & AREAS, Eduardo K (2003): A visão funcionalista da linguagem no século XX, p.17-28. Em: FURTADO DA CUNHA, Maria A.; RIOS DE OLIVEIRA, Mariangela; MARTELOTTA, Mario E. (orgs.). *Linguística funcional – teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A. Editora.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco (2000): *¿Qué español enseñar?* Madrid: Arco/Libros.

NEVES, Maria Helena de M. (2002): *A gramática: história, teoria e análise, ensino*, p.175-188. São Paulo: Editora UNESP.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1998): *Esbozo de una Nueva Gramática de la Lengua Española*. Madri: Espasa Calpe.

RODRÍGUEZ ALFANO, Lidia (2000): *"EL HABLA DE MONTERREY, Base de información para estudios en Ciencias del Lenguaje"*. México: Promoción CONACYT.

SARMIENTO, Ramón; SÁNCHEZ PÉREZ, Aquilino (1997): *Gramática básica del español - norma y uso*, p.90-124. Madri: SGEL.

SILVA-CORVALÁN, Carmen (2001): *Sociolingüística y pragmática del español*, p.129-268. Washington:Georgetown University Press.

TRAUGOTT, Elizabeth C; DASHER, Richard B. (2003): *Regularity in semantic change*, p.1-50. Cambridge: Cambridge University Press.

VAZQUEZ ROZAS, Victoria; GARCIA-MIGUEL, José M. G. (2006): Transitividad, subjetividad y frecuencia de uso, p.1-20. *VII Congrès de Lingüística General*. Barcelona. Disponível em: <[http://webs.uvigo.es/web575/jmgm/public/VazquezRozas-GarciaMiguel\\_CLG7.pdf](http://webs.uvigo.es/web575/jmgm/public/VazquezRozas-GarciaMiguel_CLG7.pdf)>. Acessado: set. 2007.